

Lucas 15:11-32

**O BANQUETE DO PAI
“Ouvii a música e a dança”**

Se acreditarmos no evangelho, confiarmos na obra de Jesus e recebermos uma nova identidade e um novo relacionamento com Deus, o que acontecerá?

Como nossa vida mudará se a vivermos baseada nas mensagens de Jesus acerca do pecado, da graça e da esperança?

Na profecia de Isaías sobre os novos céus e a nova terra, ele declara que, como toda volta para casa, esta última volta será marcada pelo último grande banquete (Isaías 25). Com frequência, Jesus também retrata a salvação que traz consigo como um banquete.

Mateus 8:11 Digo-vos que muitos virão do Oriente e do Ocidente e tomarão lugares à mesa com Abraão, Isaque e Jacó no reino dos céus.

Ele deixou uma refeição — o que hoje chamamos de Ceia do Senhor — como sinal de sua graça salvadora. E, é claro, a parábola de Jesus sobre os dois filhos perdidos também termina em um banquete, que representa o grande festival de Deus no fim da história.

Mas por que ele fala dessa maneira? Ele assim o faz porque não há meio melhor de retratar o que significa viver uma vida baseada em sua obra salvadora.

Há quatro maneiras de se experimentar um banquete que correspondem às maneiras com que nossa vida pode ser moldada pela mensagem do evangelho de Jesus.

A salvação é experimental

Um banquete é uma festa em que o apetite e os sentidos — a visão, o olfato, a audição e o paladar — são satisfeitos. Em João 2, ficamos sabendo que Jesus estava em uma recepção de um casamento, onde o vinho acabou cedo demais. Tanto o casal nupcial quanto o “encarregado da festa”, o que poderíamos chamar de mestre de cerimônias, corriam o risco da humilhação social. No entanto, em sua primeira demonstração pública dos poderes divinos, Jesus transformou vários recipientes cheios de água em vinho. De forma surpreendente, João, o autor deste evangelho, classifica esse milagre como um “sinal”, ou um exemplo sobre o que se tratava o ministério de Jesus.

Mas por que esse foi seu ato inaugural? Por que Jesus, para expressar o que havia vindo fazer, escolhe transformar 150 galões de água em um maravilhoso vinho, apenas para dar continuidade à festa?

A resposta para essa pergunta é que Jesus veio para trazer a alegria festiva.

Ele é o verdadeiro, o real “Mestre do Banquete”, o Senhor da festa. Conforme vimos, Jesus assumiu a responsabilidade por nossos pecados, tomou nosso lugar. Por esse motivo, teólogos cristãos muito falam sobre os aspectos legais da salvação de Jesus. Jesus nos assegura o veredicto legal de “inocente”, de modo que deixamos de ser responsáveis pelas transgressões. No entanto, a salvação não é apenas legal e objetiva, mas também experimental e subjetiva. A Bíblia insiste em usar uma linguagem

sensorial em relação à salvação. Ela nos convida para “provar e ver” que o Senhor é bom, não para apenas concordar e acreditar. Em um famoso sermão John Edwards diz: “Há uma diferença entre acreditar que Deus é divino e gracioso e ter uma nova compreensão, dentro do coração, da amabilidade e da beleza dessa graça e dessa divindade. A diferença entre acreditar que Deus é gracioso e experimentar a graciosidade de Deus é semelhante à diferença entre a crença racional de que o mel é doce e ter a noção exata de tamanha doçura.”

A salvação de Jesus é um banquete e, portanto, quando acreditamos e descansamos seguros na obra que ele realizou por nós, por meio do Espírito Santo ele se torna real em nossos corações. O amor dele é como mel. Em vez de apenas acreditar que ele é amoroso, podemos experimentar essa realidade, a beleza e o poder de seu amor. O amor dele pode ser ainda mais real para você que o amor de qualquer pessoa; esse amor lhe traz alegria, ânimo e consolo. Ele o reerguerá e o libertará de todo o medo, como nada jamais conseguiu fazer antes.

E isso faz toda a diferença. Se você estiver repleto de vergonha e de culpa, então não basta acreditar no conceito abstrato da misericórdia de Deus.

É preciso sentir, no fundo do coração, por assim dizer, a doçura de sua misericórdia. Só então você saberá que foi aceito. Se você estiver repleto de preocupação e ansiedade, não bastará acreditar que Deus está no controle das coisas.

Será preciso ver, com os olhos do coração, toda a sua majestade deslumbrante.

Só então você saberá que ele tem tudo na mão.

Mas é realmente possível viver tais experiências?

Algumas pessoas têm mais dificuldades que as outras, por terem uma propensão para a racionalidade e para o controle. Outras pessoas, acredito, têm tanta fome de experiências místicas que notam cada intuição ou sensação mais intensa como uma “palavra do Senhor”. Para resumir, a maioria de nós ou tem muita vontade ou não tem vontade suficiente para aquilo que Jesus oferece. Mas o que ele oferece é acesso à presença do Pai. Trata-se apenas de uma amostra agora, que aumenta ou diminui de intensidade com os anos que passamos orando e buscando ver a face dele com a ajuda do Espírito. Mas já está disponível. Isaac Watts, autor de muitos hinos, trata do assunto com estas palavras: “Os montes de Sião guardam mil doçuras sagradas, antes mesmo de alcançarmos os campos celestiais, ou de andarmos pelas ruas douradas.”

Eféios 1:3 Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos tem abençoado com toda sorte de bênção espiritual nas regiões celestiais em Cristo.

A salvação é material

Fazer uma refeição é uma experiência bastante física.

Jesus deixou uma refeição, a Ceia do Senhor, para que nos lembrássemos dele; o objetivo final da história também é uma refeição, o banquete do casamento do Cordeiro.

Apocalipse 19:7 Alegremo-nos, exultemos e demos-lhe a glória, porque são chegadas as bodas do Cordeiro, cuja esposa a si mesma já se ataviou.

O Cristo ressuscitado comeu com seus discípulos quando os encontrou (Lucas 24:42-43; João 21:9). Mas o que significa tudo isso?

É um sinal de que, para Jesus, este mundo material tem importância.

O livro do Gênesis nos conta que quando Deus fez este mundo, ele olhou para sua criação material e a chamou de “boa”. Ele ama e se importa com o mundo material. A reencarnação de Jesus e a promessa de novos céus e de uma nova terra mostram claramente que ele se preocupa com este mundo.

O mundo em que vivemos não é um simples teatro criado para encenar narrativas de conversões individuais, não existe apenas para ser descartado no fim, quando todos iremos para o céu. Não, o propósito final de Jesus consiste não apenas da salvação individual e do perdão pelos pecados, mas também da renovação deste mundo, com o fim das doenças, da pobreza, da injustiça, da violência, do sofrimento e da morte.

2 Pedro 3:7 Ora, os céus que agora existem e a terra, pela mesma palavra, têm sido entesourados para fogo, estando reservados para o Dia do Juízo e destruição dos homens ímpios.

O clímax da história não remete a uma forma mais elevada de consciência desligada do corpo, mas a um banquete. Deus criou o mundo com todas as cores, com todos os sabores, todas as luzes, todos os sons, com todas as formas de vida ligadas em sistemas interdependentes. Ele agora está desfigurado, manchado e quebrado, mas Deus não irá descansar até que o tenha consertado.

Se o mundo material fosse apenas uma ilusão, como dizem os filósofos orientais, ou apenas uma cópia temporária do mundo real e ideal, como diz Platão, então tudo que acontece neste mundo ou nesta vida não teria importância. Tudo que importaria seriam as questões ligadas à alma ou ao espírito. No entanto, Jesus não foi salvo apenas “em espírito”, mas ele ressuscitou no corpo. Tudo no ministério de Jesus demonstrava isso. Jesus não pregou apenas a palavra, mas também curou os enfermos, alimentou os famintos e atendeu às necessidades dos pobres.

Em Mateus 25, Jesus descreve o dia do julgamento.

Muitos lá estarão e o chamarão de “Senhor”, mas diz Jesus, de forma surpreendente, que se eles não tiverem servido aos famintos, aos refugiados, aos enfermos e aos prisioneiros, então de fato não serviram a ele (Mateus 25:34-40). Esse pensamento não contradiz em nada aquilo que ouvimos de Jesus na parábola do filho pródigo. Ele não está dizendo que apenas as pessoas que fazem trabalhos sociais serão admitidas no céu. Em vez disso, está dizendo que o sinal infalível de que você foi um pecador salvo pela graça custosa e absoluta é a presença de uma consciência social sensível e de uma vida dedicada ao serviço para os pobres. Irmãos mais novos são muito egoístas, e irmãos mais velhos são demasiado farisaicos para cuidar dos pobres.

Dessa forma, o Cristianismo é talvez a mais materialista das grandes religiões do mundo. Os milagres de Cristo não foram violações da ordem natural, mas, antes, uma restauração da ordem natural.

Deus não criou o mundo com cegueira, lepra, fome e morte.

Os milagres de Jesus eram sinais de que, algum dia, toda essa corrupção da criação seria abolida. Os cristãos, portanto, podem falar sobre a salvação da alma tanto quanto da construção de sistemas sociais que tenham ruas mais seguras e lares mais acolhedores na mesma frase. E com coerência.

Jesus odeia o sofrimento, a injustiça, o mal e a morte de tal forma que veio e experimentou essas sensações para que pudesse vencê-las e, um dia, livrar o mundo de todas elas.

Sabendo de tudo isso, os cristãos não podem permanecer impassíveis em relação à fome, às doenças e à injustiça. Karl Marx e outros pensadores acusaram a religião de ser o “ópio das massas”. Isto é, ela seria um sedativo que faz com que as pessoas sejam passivas em relação à injustiça, porque haverá “a festa no céu e tchau, tchau”. Isso talvez possa ser dito de algumas religiões que ensinam seus adeptos que este mundo material não tem importância e é ilusório. O Cristianismo, entretanto, ensina que Deus odeia o sofrimento e a opressão do mundo material de tal forma que decidiu se envolver e lutar contra esses males. Quando compreendido de forma apropriada, o Cristianismo de modo algum funciona como ópio do povo.

Ele está mais para sais aromáticos.

A salvação é individual

Uma refeição significa crescimento por meio da nutrição.

A Ceia do Senhor representa o crescimento constante na graça de Deus.

Para sobreviver e crescer, as pessoas precisam comer e beber regularmente.

E é isto que devemos fazer com o evangelho da graça de Deus. Temos de nos apropriar pessoalmente dele, tornando-o peça central de tudo que vemos, pensamos e sentimos. É assim que aumentamos, no sentido espiritual, a sabedoria, o amor, a alegria e a paz. As religiões operam segundo o princípio: “Eu obedeco — portanto, sou aceito por Deus.” O princípio básico de funcionamento do verdadeiro evangelho é: “Sou aceito por Deus através da obra de Jesus Cristo — portanto, obedeco.”

Conforme vimos, a crença no evangelho é o meio pelo qual uma pessoa faz o primeiro contato com Deus. Essa crença nos fornece um novo relacionamento com Deus e uma nova identidade. Não devemos pensar, no entanto, que ao passar a acreditar, o cristão compreende por completo a mensagem do evangelho.

Um dos pensamentos fundamentais de Martinho Lutero era que a “religião” é o modo padrão do coração humano. Seu computador opera automaticamente em um modo padrão até que, deliberadamente, você dê instruções para que ele aja de outro modo. Da mesma maneira, Lutero diz que, mesmo depois da conversão pelo evangelho, o coração torna a operar segundo outros princípios, a menos que você, deliberadamente, repita o comando para ele funcionar segundo o evangelho.

De modo geral e instintivamente, costumamos focar em outras coisas que não Deus e sua graça em busca de justificação, de esperança, de significado e de segurança. Acreditamos no evangelho até certo ponto, mas não passamos aos níveis mais profundos. A aprovação alheia, o sucesso profissional, o poder e a influência, a família e a identidade com o grupo — todas essas coisas servem como “muletas funcionais” para nossos corações, ocupando o lugar de tudo o que Cristo fez, e, por causa disso, continuamos a ser motivados em grande medida pelo medo, pela raiva e pela falta de autocontrole. Não é possível mudar tais aspectos por meio da mera força de vontade, tentando aprender os princípios Bíblicos e forçando a aplicação deles.

Só conseguimos realizar mudanças permanentes quando levamos o evangelho mais profundamente a nosso entendimento e a nosso coração. Temos de nos alimentar com o evangelho, por assim dizer, digerindo-o e tornando-o parte de nós mesmos. É assim que crescemos.

Mas como isso funciona?

Esse crescimento se manifesta de muitas maneiras.

Talvez você deseje se tornar mais generoso em relação a seu dinheiro. Mas isso não irá acontecer simplesmente forçando sua vontade a fazê-lo. Em vez disso, você tem de refletir sobre as coisas que o impedem de fazer doações mais generosas. Para muitos de nós, ter muito dinheiro é um modo pelo qual conseguimos a aprovação e o respeito alheio, e um modo para sentirmos ter controle da vida e do meio que nos cerca. Assim, o dinheiro se torna não apenas objeto, mas algo em que o coração deposita esperança e confiança. Veja como Paulo, em sua carta à igreja de Corinto, ajudou aquele povo a crescer na graça da generosidade. Ele não direciona toda a pressão sobre a vontade das pessoas, dizendo: “Sou um apóstolo e este é o dever de vocês para comigo”, nem pressiona diretamente por meio do apelo emocional, lhes contando histórias de como os pobres sofrem e como eles têm mais dinheiro em relação aos necessitados. Em vez disso, ele diz: “Pois vocês conhecem a graça de nosso Senhor Jesus Cristo que, sendo rico, se fez pobre por amor a vocês, para que por meio de sua pobreza vocês se tornassem ricos”. (2 Coríntios 8:9). Paulo os está devolvendo ao evangelho. Ele diz: “Reflitam sobre a custosa graça dele — até que desejem ceder como ele fez.”

Talvez você deseje fortalecer seu casamento.

Em Efésios 5, Paulo fala com todos os esposos, mas especialmente aos maridos. Muitos dos leitores de Paulo carregavam para dentro do casamento atitudes ruins, trazidas do passado pagão. Na sociedade dominante da época, o casamento era visto principalmente como uma transação comercial — era preciso casar tão “bem” quanto possível para alcançar o reconhecimento social e econômico. A gratificação sexual era buscada de outras formas. Além do mais, ensinavam os homens a desprezar as mulheres e a não tratá-las como iguais ou como amigas. Paulo, no entanto, pretende encorajar os maridos a ser não apenas fiéis sexualmente, mas também a celebrar e a honrar suas esposas, ajudando-as a crescer pessoal e espiritualmente.

Era uma abordagem completamente nova em relação ao casamento. Mas notem como Paulo segue motivando seus leitores. Novamente, Paulo não ameaça nem simplesmente exalta, nem dá algum exemplo resplandecente para ser copiado. Em vez disso, ele retrata com cores vivas a salvação de Jesus como um amor sacrificial e conjugal. “Maridos, amem cada um a sua mulher, assim como Cristo amou a igreja e entregou-se por ela (...) para apresentá-la a si mesmo como igreja gloriosa, sem mancha nem ruga ou coisa semelhante”. Jesus não nos ama por achar que somos belos; nós nos tornamos belos por meio do amor sacrificial de Jesus. Ele era nosso esposo supremo, e nós, sua “noiva”, no evangelho.

A solução para a mesquinhez é a reorientação para a generosidade de Cristo, como descrita no evangelho, já que ele abriu mão de sua riqueza por você. Você não precisa

se preocupar com dinheiro, pois a cruz é prova da importância que Deus atribui a você, e essa é toda a segurança de que você precisa.

A salvação e o amor de Jesus conferem a você um status notável — algo que o dinheiro jamais poderia comprar. A solução para um casamento turbulento é a imitação radical do amor conjugal de Cristo pelo evangelho. “Não cometerás adultério” é algo que faz bastante sentido no contexto do amor conjugal de Jesus, especialmente na cruz, onde ele lhe foi completamente fiel. Apenas quando se conhece o amor conjugal de Cristo é que você terá forças para combater a luxúria. O amor dele é gratificante — e impede que você busque na sexualidade aquilo que apenas Jesus pode prover.

Aonde quero chegar? Ser fiel ou generoso não significa apenas o esforço redobrado para seguir leis morais. Em vez disso, toda mudança vem do aprofundamento da compreensão da salvação de Cristo e por meio de uma vida de mudanças que surge dentro do coração. A fé no evangelho reconstrói nossas motivações, o entendimento que temos de nós mesmos, nossa identidade e a visão que temos do mundo. A mera submissão às regras de comportamento sem uma mudança no coração será apenas superficial e fugaz.

O evangelho é, portanto, não apenas o ABC da vida cristã, mas também todo o dicionário da vida. Nossos problemas surgem principalmente porque não nos voltamos para o evangelho de forma a aplicá-lo e a viver segundo sua mensagem. É por isso que Martinho Lutero escreveu: “A verdade do evangelho é o artigo principal de toda a doutrina cristã. É extremamente necessário que bem conheçamos esse artigo, que o ensinemos aos outros e que o martelemos continuamente sobre as cabeças.”

“Espere”, já ouvi pessoas discordarem. “Quer dizer que, para crescer em Cristo, você fica repetindo a si mesmo o quão graciosamente amado e aceito você é? Não me parece o melhor jeito de fazer progresso.

Talvez a motivação da religião fosse negativa, mas ao menos era efetiva! Você sabia que tinha de obedecer a Deus, pois, caso contrário, ele não atenderia suas preces, nem o levaria para o céu. Mas quando você remove esse medo e fala em demasia sobre a livre graça e sobre a aceitação desmerecida — qual é o incentivo que tenho para viver a vida de forma correta? Parece que o estilo de vida do evangelho não produz pessoas fiéis e diligentes na obediência à vontade de Deus sem questionar.”

Mas, se ao perder o medo da punição você também perde o incentivo para viver de forma obediente, então qual era sua motivação real, em primeiro lugar? Só pode ter sido o medo. Que outro incentivo existe? O amor gracioso e respeitoso.

Conta um pastor que a alguns anos conheceu uma mulher que começou a frequentar a sua igreja. Ela contou a ele que frequentava uma igreja que estava em pleno crescimento e que sempre ouvira que Deus só nos aceita se formos suficientemente bons e éticos. Ela jamais ouvira a mensagem que agora estava ouvindo, a de que podemos ser aceitos por Deus na livre graça por meio da obra de Cristo, independentemente daquilo que somos ou do que fizemos. Então, ela respondeu: “Essa é uma ideia assustadora!

Sim, é um susto bom, mas não deixa de ser assustador.”

Ele ficou intrigado e perguntei-lhe o que ela achava tão assustador em relação à livre graça não merecida. Ela respondeu mais ou menos assim: “Se eu fosse salva por

minhas boas ações — então haveria um limite para o que Deus poderia pedir de mim ou me fazer suportar. Eu gostaria de ser como uma contribuinte, com “direitos”. Eu cumpriria meu dever e agora mereceria certa qualidade de vida. Mas se é absolutamente verdadeiro que sou uma pecadora salva pela livre graça — a um custo infinito para Deus — então não há nada que ele não possa pedir de mim.”

Imediatamente ela percebeu que o ensinamento mais do que maravilhoso da salvação pela livre graça é uma faca de dois gumes. Por um lado, ele corta fora todo medo escravizador. Deus nos ama livremente, apesar de nossas falhas e fracassos. Por outro lado, ela percebeu que, uma vez que Jesus fez o que fez por ela — então não mais pertencia a si própria. Ela foi comprada por um preço.

Ao longo dos anos, ouvi muitas pessoas dizerem: “Bem, se eu acreditasse que posso ser salvo pela livre graça, em vez de por minhas boas ações, poderia viver como eu bem desejasse!” Mas esse raciocínio equivale a dizer que a parábola de Jesus consiste apenas do primeiro ato, sem o segundo. A graça de Deus é livre, sim, mas também tem um custo, e um custo infinito. Certo escritor ficou horrorizado ao ver quantos membros da igreja alemã se renderam a Hitler no começo da década de 1930 e, em resposta, escreveu sua grande obra, Discipulado. Nela, ele alertava para os perigos do que chamou de “graça barata”, o ensinamento que enfatiza apenas que a graça é livre, de modo que não importa o estilo de vida adotado. A solução, ele dizia, não era o retorno para o legalismo, mas a ênfase em como Deus leva a sério o pecado e em como apenas ele pode nos salvar por meio do custo infinito que assume para si. A compreensão desses conceitos deve, e de fato consegue, mudar profundamente nossa vida. Depois de tal entendimento, deixamos de viver de forma egoísta e covarde. Passamos a defender a justiça e o sacrifício pelo próximo. E não nos importamos com o custo de seguir Cristo quando comparado ao preço que ele pagou para nos resgatar.

Um bom texto bíblico que sintetiza tudo isso é a parábola do semeador, em Mateus 13.0 pregador da palavra de Deus, o evangelho, é comparado a um semeador. Há três grupos de pessoas que “recebem” e aceitam o evangelho, mas dois dos grupos não resultam em mudanças de vida. Um dos grupos não tem a paciência e a resistência para suportar os sofrimentos, enquanto o outro continua a viver de forma ansiosa e materialista. O único grupo que produz mudanças na própria vida não é o das pessoas que dão duro ou que são mais obedientes, mas o grupo que “ouve a palavra e a entende” (Mateus 13:23). Outro escrito insistia que as pessoas cujas vidas permaneciam intactas depois da graça de Deus não entendiam o custo da operação, e, portanto, não compreendiam o evangelho. Essas pessoas tinham uma ideia geral do amor universal de Deus, mas não um entendimento verdadeiro da seriedade do pecado e do significado da obra de Cristo para o nosso bem.

No fim, a velha fórmula de Martinho Lutero continua a resumir tudo muito bem: “Somos salvos somente pela fé (não pelas obras), mas não pela fé que é deixada sozinha”. Nada do que fazemos serve para merecer a graça e o favor de Deus, podemos apenas acreditar que ele nos dá essas coisas por meio de Jesus Cristo e apenas as recebe pela fé. Mas quando confiamos e acreditamos de verdade naquele que nos serviu por meio do sacrifício, acabamos transformados em pessoas que servem a Deus e ao próximo de modo sacrificial.

Quando dizemos: “Creio em Jesus” sem alterar o modo como vivemos, a resposta não é que agora precisamos acrescentar trabalho árduo a nossa fé, mas sim que não entendemos o conceito ou que na verdade não acreditamos em Jesus.

A salvação é comunhão

A definição de banquete é comunhão por natureza.

Nenhuma reunião, encontro familiar, casamento ou qualquer evento social relevante fica completo sem uma refeição. Quando convidamos alguém para comer conosco, trata-se de um convite para relaxar e para conhecermos uns aos outros. Em muitas culturas, o convite para uma refeição é uma oferta de amizade.

Vivemos em uma cultura em que os interesses e os desejos dos indivíduos têm preferência sobre as vontades da família, do grupo ou da comunidade.

Como consequência, uma grande quantidade de pessoas acaba querendo alcançar o crescimento espiritual sem perder a independência para a igreja ou outra instituição organizada. Muitas vezes, é este o significado por trás das alegações comuns de “Tenho uma espiritualidade, mas não sou religioso” e “Gosto de Jesus, mas não do cristianismo”. Muitas pessoas que se lançam em uma busca espiritual têm más experiências com igrejas. Por isso, deixam de participar. Elas se interessam por um relacionamento com Deus, mas não quando têm de ser parte de uma organização.

Tentei explicar neste estudo por que as igrejas — e todas as instituições religiosas — são tão desagradáveis. Elas estão repletas de irmãos mais velhos.

Não obstante, evitar tais instituições por estarem cheias de irmãos mais velhos não passa de outra forma de farisaísmo. Além do mais, não há maneira de crescer espiritualmente que não esteja ligada a um profundo envolvimento com outros fiéis. Não é possível viver uma vida cristã sem um grupo de amigos cristãos, sem uma família de fiéis na qual você encontra seu lugar.

A comunhão exibe uma gloriosa “proximidade por semelhança” com o próprio céu, onde a multidão de abençoados (que homem algum pode contar) aumenta o desfrute que cada um de nós tem de Deus. Para cada alma, o fato de vê-Lo à sua própria maneira, sem dúvida, serve para comunicar essa visão única para todos os outros. Este é o porquê de os Serafins da visão de Isaías clamarem: “Santo, Santo, Santo” uns aos outros (Isaías 6:3). Quanto mais dividirmos dessa maneira o Pão Celestial entre nós, mais dele teremos.

É necessária toda uma comunidade para conhecer um indivíduo.

Quanto mais isto não seria verdade em relação a Jesus Cristo? Geralmente os cristãos dizem que querem um relacionamento com Jesus, que desejam “conhecer melhor Jesus”. Mas você jamais conseguirá isso sozinho. É preciso estar envolvido profundamente com uma igreja, com uma comunidade cristã, com relacionamentos profundamente amorosos e compromissados.

Apenas quando se é parte de uma comunidade de fiéis que buscam se parecer com Jesus, servi-lo e amá-lo é que se consegue conhecê-lo e crescer à semelhança dele.

A grande parábola de Jesus sobre o filho pródigo reconta a história de toda a Bíblia, e a história de toda a humanidade. Nessa história, Jesus ensina que os dois estilos de vida mais comuns são ambos becos sem saída espirituais. Ele demonstra que o enredo de nossa vida só consegue encontrar um desenlace, um final feliz, nele, na sua pessoa e em sua obra.

A adorável história de Isak Dinensen A festa de Babette também termina com um banquete, e também nos ensina sobre dois modos de vida comuns que são inadequados e sobre a realidade de um terceiro caminho.

A história de Dinensen trata de duas senhoras, Martine e Phillipa, filhas de um pastor muito severo que funda uma pequena seita religiosa na vila onde vivem. Enquanto amadurecem, ambas as irmãs se veem tentadas a viver uma vida de sensualidade. Martine é cortejada por um elegante tenente que deseja levá-la embora rapidamente. Phillipa é procurada pelo diretor da Ópera de Paris, que fica encantado pela pureza e pela clareza de sua voz. No fim, ambas as filhas se voltam contra a vida dos prazeres mundanos para ajudar ao pai em sua missão. Depois da morte dele, elas continuam a presidir a rígida comunidade religiosa e moralista em uma pequena aldeia na gélida costa de Judand, na parte oeste da Dinamarca.

— 163 —

III

Capítulo 7

Mas a comunidade não vai bem. A vida das pessoas se torna fria e lamacenta como o clima cinzento, úmido e tempestuoso da região. Quase todos os adeptos acabam incorrendo em pecado com outra pessoa do lugar. Muitos deixam de falar uns com os outros. O orgulho e a dor acabam alimentados, e a amargura cresce a níveis alarmantes. A aldeia logo se torna um lugar indescritivelmente desagradável. Então, Martine e Phillipa acolhem uma refugiada política, Babette, que passa a viver com elas como criada. Quando Babette inesperadamente ganha na loteria, ela se oferece para preparar e custear um banquete de comemoração para a comunidade, em memória do aniversário do pai de ambas. Por acaso, Babette é uma das maiores chefs de Paris, e a festa

que ela planeja se mostra um delicioso banquete. Chega o dia da festa e os convidados estão chegando. Uma idosa senhora que vivia próximo à aldeia, Sra. Loewenholm, pretende honrar a memória do pastor, então convida seu sobrinho para acompanhá-la ao banquete. Mas o sobrinho não é ninguém menos que o jovem tenente que cortejava Martine muitos anos antes, agora um grande general. Assim

— 164 —

III

I O banquete do pai

t1

; que o general chega com sua carruagem, começa a refletir sobre o passado. Ele sente que, mesmo com todo o seu sucesso mundano, jamais alcançou a felicidade. Ele se lembra de Martine e da seriedade espiritual da moça e se pergunta se perdeu o que realmente importava na vida. Martine e Phillipa, no entanto, também jamais alcançaram aquilo que esperavam, ainda que tivessem tomado o caminho do serviço religioso. Então, todos se sentam e começam a comer. Imediatamente todos ficam estupefatos pela maravilhosa qualidade e pela preparação perfeita da comida. O poder do banquete começa a derrubar a defesa das pessoas. Uma a uma, sob a influência da comida e da bebida maravilhosas, antigos inimigos passam a ceder uns aos outros. Palavras e comentários se tornam doces conforme a comida passa de mão em mão. O perdão é pedido e concedido. Duas mulheres que ficaram sem se falar por muitos anos, agora tocam as testas de forma carinhosa, dizendo: “Deus a abençoe, querida Solveig” e “Deus a abençoe também, querida Anna”. Depois, Phillipa começa a cantar para todos com sua voz pura e bela, e todos a ouvem, e se lembram.

— 165 —

Capítulo 7

Então, o General se levanta para falar. Ele cita o Salmo 85: “O amor e a fidelidade se encontrarão; a justiça e a paz se beijarão.” Ele então diz que durante a refeição conseguiu perceber que, de algum modo, a moralidade e a alegria, a ética e a sensualidade podem coexistir. Isak Dinensen resolve o enredo de forma bastante agradável. Os habitantes experimentam a

cura da comunidade. Babette também é transformada. Ela se sentia como uma estranha na comunidade, mas agora se sente em casa; deixara de ser uma refugiada. Até o General parte sem levar consigo os arrependimentos que trouxe na ida.

Não obstante, a história não nos fornece uma resposta clara para a questão principal que ela apresenta tão bem. Tanto a vida mundana dos prazeres sensuais quanto a vida religiosa da rigidez ética falham em dar ao coração humano aquilo que ele busca. Kierkegaard, o grande filósofo dinamarquês que influenciou Isak Dinensen, chama essas duas vias de “estética” e “ética” e, em seus escritos, mostra que nenhuma das abordagens é adequada à vida. Mas qual seria a alternativa? Durante a festa de Babette, os presentes experimentam momentaneamente a sensação

— 166 —

O banquete do pai mística em que as duas coisas — “a retidão e o deleite” — se misturam. Dinensen professa sua crença de que algo existe além dessas duas alternativas, algo que não é o egoísmo contido na via “estética” nem a severidade da via “ética”. Ela não consegue encontrar maneira melhor de representar essa terceira alternativa do que com um belo banquete, uma grande festa. A parábola de Jesus responde à questão que a história de Dinensen coloca de forma habilidosa. Jesus diz: “Eu sou o Pão do Céu.” Jesus nos diz que tanto o caminho sensual do filho mais novo quanto o caminho ético do filho mais velho são becos sem saída espirituais. Ele também nos mostra que há uma alternativa através dele. Aceitar essa alternativa e viver uma vida baseada na salvação trará, por fim, a grande festa e o banquete do fim da história. Hoje podemos sentir o gosto da amostra dessa salvação futura por meio de todas as sugestões dadas neste capítulo, seja pela oração, seja pelo serviço aos outros, seja pelas mudanças na natureza interior por meio do evangelho, ou por meio do relacionamento curado que Cristo nos oferece. Mas são apenas amostras do que está por vir.

— 167

Capítulo 7

Neste monte o SENHOR dos Exércitos preparará

um farto
banquete para todos os povos,
um banquete de vinho envelhecido,
com carnes suculentas e o melhor
vinho.
Neste monte ele destruirá
o véu que envolve todos os povos,
a cortina que cobre todas as nações;
destruirá a morte para sempre.
O Soberano, o SENHOR, enxugará
as lágrimas
de todo rosto
e retirará de toda a terra
a zombaria do seu povo.
Foi o SENHOR quem o disse! (Isaías
25:6-8)